

As relações dialógicas no pronunciamento oficial do presidente do Brasil sobre a pandemia do coronavírus.

Douglas Corrêa da Rosa¹

Resumo: Por meio da linguagem, interagimos, agimos e valoramos. Além de carregar valores, de indicar nosso papel social e nossa posição em dado momento da história, de ser uma resposta a algo já dito por outrem, nosso agir no mundo implica que nos responsabilizemos pelo dizer. Considerando tais aspectos, buscamos, neste texto, a partir de reflexões teóricas centradas em pensadores do Círculo de Bakhtin, analisar as relações dialógicas presente no pronunciamento oficial feito pelo Presidente da República Federativa do Brasil, em 24 de março de 2020, sobre a pandemia do novo Coronavírus. As análises empreendidas mostram que o pronunciamento do Presidente constitui-se como resposta ao apelo da população, feito por meio da mídia, de uma posição oficial sobre a doença, além de dialogar com discursos anticientíficos. O posicionamento do Presidente, a partir das relações dialógicas presentes em seu discurso, demonstra o seu desrespeito à ciência, à imprensa e à vida.

Palavras-chave: Linguagem, relações dialógicas, pronunciamento presidencial.

Introdução

“*A palavra é o fenômeno ideológico par excellence*” (VOLÓCHINOV, 2017[1929], p. 98, grifos do autor). Como professores de Língua Portuguesa (LP, doravante), atuantes tanto na Educação Básica quanto no Ensino Superior, interessa-nos compreender os diversos movimentos enunciativos que circulam nas mais diversificadas esferas da vida, de modo a

¹ Graduação em Letras Português/Italiano, graduação em Letras/Libras (bacharel), Mestre e Doutor em Letras. Professor de Língua Portuguesa da Rede Estadual de Ensino do Paraná; Professor Formador do Curso de Pedagogia EaD do Centro Universitário Univel, Cascavel (PR). E-mail: douglascorreadarosa@yahoo.com.br

levar nossos alunos e alunas, de qualquer etapa educativa, a também analisarem discursivamente as palavras que são produzidas na sociedade. Essa atitude responsiva tem sido motivada por estudos que nos são caros, a exemplo das discussões produzidas no que modernamente tem sido denominado como Círculo de Bakhtin, grupo de intelectuais russos que, mesmo que sem a intenção de criar “um conjunto de preceitos sistematicamente organizados para funcionar como perspectiva teórica-analítica fechada” motivaram “o nascimento de uma análise/teoria dialógica do discurso” (BRAIT, 2016, p. 9-10).

Pensando na formação crítica de nossos alunos, temos dedicado um tempo para discutir as diversas relações que se estabelecem entre os sujeitos por meio da linguagem e da língua, com destaque aos discursos que são produzidos e veiculados na mídia. Em especial, devido à pandemia da Covid-19 que assola o mundo, observamos que os alunos e seus familiares, de modo geral, têm dado mais atenção às notícias e às reportagens relacionadas ao avanço e ao combate dessa doença. Dentre os diversos conteúdos produzidos pela imprensa, os pronunciamentos do Presidente do Brasil sobre a Covid-19 têm tido grande repercussão nacional e internacional, haja vista que suas falas demonstram não apenas uma aversão em relação às pesquisas científicas sobre o Coronavírus, mas também uma falta de ética e de responsabilidade pelo seu dizer e pela posição que ocupa, sem contar a total ausência de empatia para com os milhares de brasileiros que perderam seus entes queridos devido à doença.

Diante desse cenário tão complexo e conturbado gerado pela pandemia, neste texto, objetivamos analisar, a partir das contribuições teóricas de pensadores do Círculo de Bakhtin, as relações dialógicas do pronunciamento oficial realizado em março de 2020 pelo Presidente da República Federativa do Brasil, sobre a Covid-19, tendo em vista as inúmeras reverberações sociais, políticas e ideológicas de suas palavras.

Diferentemente da maioria dos artigos científicos, que, inicialmente, trazem uma fundamentação teórica e, posteriormente, apresentam o objeto de estudo, para, somente então analisá-lo, neste texto, optamos por fazer isso de modo concomitante. À medida que apresentamos o pronunciamento, tecemos reflexões teórico-analíticas sobre ele.

O contexto da Pandemia e os pronunciamentos presidenciais: relações dialógicas

Nós tínhamos, fora do Brasil, dois grupos auxiliares dos Aliados: a Esquadra de Patrulha, comandada pelo Almirante Pedro Max de Frontin, e a Missão Médica, chefiada por Nabuco de Gouveia. Ambos foram atingidos pela pestilência que grassava na Europa, Ásia e África quando entraram em portos do primeiro e terceiro continentes. [...] A 9 de setembro os primeiros corpos são jogados ao mar. A 22 chegam telegramas contando as desgraças da Missão Médica [...]. Nesse dia o Nestico chegou em casa com um monte de boatos que pouco impressionaram. Entretanto o demônio já estava em nosso meio, ainda não percebido pelo povo como a desgraça coletiva que ia ser [...]. A doença irrompeu aqui em setembro, pois em fins desse mês e princípios de outubro, as providências das autoridades abriram os olhos do povo e este se explicou certas anomalias que vinham sendo observadas na vida urbana; tráfego rareado, cidade vazia e meio morta, casas de diversão pouco cheias, conduções sempre fáceis, as regatas, as partidas de water-polo e futebol quase sem assistentes, as corridas do Derby e do Jockey com os aficionados reduzidos ao terço. É que no meio da população, [...] insinuara-se a Morte Cinzenta da pandemia que ia vexar a capital e soltar como cães a Fome e o Pânico que trabalhariam tão bem quanto a pestilência [...] (NAVA, 2012[1976], p. 141-147).

O trecho em destaque refere-se à obra *Chão de Ferro*, do escritor mineiro Pedro Nava, produzida em 1976. De modo específico, no segundo capítulo, o autor (um médico e escritor) comenta, a partir de suas memórias, tanto a chegada quanto os efeitos da Gripe Espanhola. Ao lermos a referida obra, a descrição realizada assume sentido para nós que vivenciamos, atualmente, a epidemia do novo Coronavírus (SARS-CoV). O escritor relata, dia a dia, semana após semana, como a doença foi se espalhando no Brasil, além dos efeitos decorrentes dessa epidemia. Entre os aspectos narrados, além de se demarcar as mortes, menciona-se como a epidemia afetou o ir e vir das pessoas, haja vista que se observava o “tráfego rareado, cidade vazia e meio morta” (NAVA, 2012[1976], p. 143).

Como destaca Barreto (2020), o primeiro caso do novo Coronavírus ocorreu em dezembro de 2019, em Wuhan, na China, e espalhou-se rapidamente por todo o mundo². Barreto (2020) ainda explica que, em fevereiro, a Covid-19, nome dado à doença, já atingia

² Após a notícia dos primeiros casos, houve uma atualização dessa informação, pois outros lugares, que não a China, informaram a presença de Coronavírus antes ou no mesmo mês para a OMS. Todavia, a notificação da organização se deu somente no final de dezembro de 2019. Além disso, foi informado por diversos meios de comunicação, inclusive nos EUA, que o vírus já circulava em outras partes do mundo. Para mais informações, consultar os seguintes sites de notícias: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/bbc/2020/12/01/covid-19-o-estudo-americano-que-aumenta-duvidas-sobre-real-origem-da-pandemia.htm>; <https://saude.ig.com.br/2021-01-12/covid-19-circula-no-brasil-desde-novembro-de-2019-aponta-estudo.html>; <https://exame.com/ciencia/novo-coronavirus-pode-ter-surgido-antes-de-dezembro/>.

amplamente o Irã e a Itália. Em decorrência do aumento surpreendente de casos e também das milhares de mortes, em março do corrente ano, a Organização Mundial da Saúde (OMS) nominou o surto como uma pandemia. Passados alguns dias da declaração da OMS, o Brasil registrou a primeira morte, em São Paulo (BARRETO, 2020). De lá para cá, tanto o número de infectados quanto o número de mortes têm alcançado índices preocupantes.

Rapidamente entraram em cena pesquisadores de vários campos da saúde a fim de, primeiramente, identificar a origem e o tipo de vírus para, posteriormente, conhecer os sintomas, o desenvolvimento da doença e elaborar tratamentos e uma vacina para combatê-la. De maneira geral, tanto a OMS quanto os governantes dos diversos países afetados, adotaram medidas para conter o avanço e a propagação da doença. Entre essas medidas estão o distanciamento e o isolamento sociais³, o fechamento de locais públicos e do comércio por um período específico, o uso de máscara e de álcool em gel e hábitos constantes de higiene.

Diversas autoridades mundiais têm reforçado que tais medidas são importantes e necessárias no combate à doença. Na contramão dessas orientações, o atual Presidente do Brasil tem de modo recorrente se manifestado publicamente a respeito das orientações da OMS e das decisões de estados e municípios brasileiros, como o fechamento do comércio e restrições à movimentação em locais públicos.

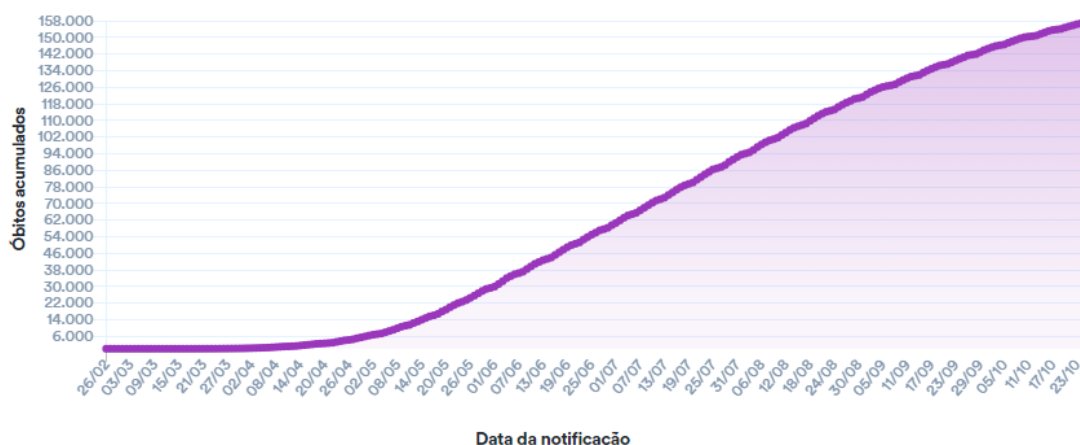
Desde a sua campanha presidencial, em 2018, os pronunciamentos do líder da nação canarina têm tido uma grande repercussão, além de serem analisados a partir de várias teorias do discurso, tais com as pesquisas de Delanoy, Gonçalves, Barbosa (2016), Faria (2019), Silva (2019), Paschoal (2020) e Teixeira (2020), apenas para citar algumas. Tais

³ “**Distanciamento social** é a diminuição de interação entre as pessoas de uma comunidade para diminuir a velocidade de transmissão do vírus. É uma estratégia importante quando há indivíduos já infectados, mas ainda assintomáticos ou oligossintomáticos, que não se sabem portadores da doença e não estão em isolamento. Esta medida deve ser aplicada especialmente em locais onde existe transmissão comunitária, como é o caso do Brasil, quando a ligação entre os casos já não pode ser rastreada e o isolamento das pessoas expostas é insuficiente para frear a transmissão. [...] **Isolamento** é uma medida que visa separar as pessoas doentes (sintomáticos respiratórios, casos suspeitos ou confirmados de infecção por coronavírus) das não doentes, para evitar a propagação do vírus. O isolamento pode ocorrer em domicílio ou em ambiente hospitalar, conforme o estado clínico da pessoa. [...] Essa ação pode ser prescrita por médico ou agente de vigilância epidemiológica e tem prazo máximo de 14 dias. Na prescrição do isolamento o paciente deve assinar um termo de consentimento livre e esclarecido [...] e seguir as orientações para evitar o contágio de seus contatos domiciliares. **Quarentena** é a restrição de atividades ou separação de pessoas que foram presumivelmente expostas a uma doença contagiosa, mas que não estão doentes (porque não foram infectadas ou porque estão no período de incubação)” (TELESSAÜDERS-UFRGS, 2020, s. p., grifos do original).

estudos indicam que as falas do presidente revelam atitudes preconceituosas direcionadas a diversos grupos que compõem a sociedade brasileira.

No caso específico deste texto, o foco está no pronunciamento oficial feito pelo presidente relacionado à pandemia. Como já mencionado, a primeira morte pelo novo Coronavírus no Brasil ocorreu em março de 2020 (BARRETO, 2020). Ao longo dos meses, o Brasil tornou-se o epicentro da doença, com milhares de mortes, como visualizamos no gráfico a seguir.

Gráfico1: Evolução de óbitos pela Covid-19 no Brasil



Fonte: Brasil (2020).

Como notamos, a curva do número de óbitos, desde o anúncio da primeira morte, tem se elevado em uma constante. Diante dessa situação, cidadãos de todo o país, em especial os profissionais da imprensa, têm requerido um posicionamento do Presidente diante da situação. Diante disso, no mês de março do corrente ano, o Presidente da República fez um pronunciamento oficial em rede nacional, o qual reproduzimos⁴ na íntegra:

24/03/2020 – Boa noite. Desde quando resgatamos nossos irmãos em Wuham, na China, numa operação coordenada pelos Ministérios da Defesa e Relações Exteriores, surgiu para nós o sinal amarelo. Começamos a nos preparar para

⁴ Fizemos a transcrição do pronunciamento presidencial, que está disponível ao público por meio da página do Planalto no YouTube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Vl_DYb-XaAE. Acesso em: 15 set. 2020.

enfrentar o Coronavírus, pois sabíamos que mais cedo ou mais tarde ele chegaria ao Brasil. Nosso Ministro da Saúde reuniu-se com quase todos os Secretários de Saúde dos Estados para que o planejamento estratégico de enfrentamento ao vírus fosse construído. E, desde então, o Doutor Henrique Mandetta vem desempenhando um excelente trabalho de esclarecimento e preparação do SUS para atendimento de possíveis vítimas. Mas, o que tínhamos que conter naquele momento era o pânico, e a histeria e ao mesmo tempo traçar a estratégia para salvar vidas e evitar o desemprego em massa. Assim fizemos, quase contra tudo e contra todos. Grande parte dos meios de comunicação foram na contramão. Espalharam exatamente a sensação de pavor, tendo como carro-chefe o anúncio do grande número de vítimas na Itália. Um país com grande número de idosos e com o clima totalmente diferente do nosso. O cenário perfeito, potencializado pela mídia, para que uma verdadeira histeria se espalhasse pelo nosso país. Contudo, percebe-se que de ontem para hoje parte da imprensa mudou o seu editorial: pedem calma e tranquilidade. Isso é muito bom, parabéns imprensa brasileira. É essencial que o equilíbrio e a verdade prevaleçam entre nós. O vírus chegou, está sendo enfrentado por nós e brevemente passará. Nossa vida tem que continuar. Os empregos devem ser mantidos. O sustento das famílias deve ser preservado. Devemos sim voltar à normalidade. Algumas poucas autoridades estaduais e municipais deve abandonar o conceito de terra arrasada, a proibição de transportes, o fechamento de comércio e o confinamento em massa. O que se passa no mundo tem mostrado que um grupo de risco é o das pessoas acima dos 60 anos. Então, por que fechar escolas? Raros são os casos fatais de pessoas sãs com menos de 40 anos de idade. Noventa por cento de nós não teremos qualquer manifestação, caso se contamine. Devemos sim é ter extrema preocupação em não transmitir o vírus para os outros, em especial aos nossos queridos pais e avós, respeitando as orientações do Ministério da Saúde. No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho, como bem disse aquele conhecido médico daquela conhecida televisão. Enquanto estou falando o mundo busca um tratamento para a doença. O FDA americano e Hospital Albert Einstein, em São Paulo, buscam a comprovação da eficácia da Cloroquina no tratamento do Covid-19. Nosso governo tem recebido notícias positivas sobre esse remédio fabricado no Brasil, largamente utilizado no combate à malária, ao lúpus e artrite. Acredito em Deus que capacitará cientistas e pesquisadores do Brasil e do mundo uma cura dessa doença. Aproveito para render a minha homenagem a todos os profissionais de saúde, médicos enfermeiros, técnicos e colaboradores que na linha de frente nos recebem nos hospitais, nos tratam e nos confortam, sem pânico ou histeria, como venho falando desde o princípio. Venceremos o vírus e nos orgulharemos de estar vivendo nesse novo Brasil, que tem tudo, sim, tudo para ser uma grande nação. Estamos juntos, cada vez mais unidos. Deus abençoe nossa Pátria querida.

Esse pronunciamento rapidamente viralizou, tanto nas redes sociais quanto em noticiários nacionais e internacionais. Se pensarmos que “a palavra não apenas denota um objeto como de algum modo presente, mas expressa também com sua entonação [...] a *minha atitude avaliativa* em relação ao objeto” (BAKHTIN, 2010, p. 85, grifos nossos), e que nossas

palavras “adquirem um valor real, vivido, necessário e de peso, concretamente determinado do lugar singular por mim ocupado na minha participação no existir-evento” (BAKHTIN, 2010, p. 119), era de se esperar que as reverberações do pronunciamento presidencial viessem como enxurradas, haja vista que, ao produzirmos nossos enunciados, provocaremos “uma resposta baseada numa compreensão que sobre ela for construída pelo outro” (GERALDI, 2010, p. 287).

Assim como um ourives tem como matéria-prima o ouro ou algum metal precisos, na condição professores de LP e também pesquisadores, nossa matéria-prima de trabalho é a linguagem, haja visita que “[t]odos os diversos campos da atividade humana estão ligados aos usos da linguagem” (BAKHTIN, 2016[1979], p. 11). Além disso, “[...] a linguagem [...] [é] o produto da atividade humana coletiva e reflete em todos os seus elementos tanto a organização econômica como a sociopolítica da sociedade que a gerou” (VOLOCHÍNOV, 2013[1930], p. 141, grifos do autor). Como destacado pelo autor, a linguagem é produzida socialmente, a partir da interação entre os sujeitos, e reflete as condições sociais, históricas, políticas e ideologias de sua produção. A linguagem, portanto, medeia as inter-relações sociais.

Ao realizar seu pronunciamento em cadeia nacional, o Presidente faz uso da linguagem como forma de interagir socialmente com os brasileiros, a partir de uma determinada posição – a de líder maior da nação – e de um tempo específico, o contexto da pandemia. Essa interação “ocorre por meio de um ou de vários enunciados. Desse modo, a interação discursiva é a realidade fundamental da língua” (VOLÓCHINOV, 2017[1929], p. 218-219, grifos do autor).

Diferentemente de outros construtos teóricos que encaravam a linguagem e, conseqüentemente a língua, como um sistema abstrato de normas (referindo-se ao objetivismo abstrato) ou como um ato psicofisiológico (referindo-se ao subjetivismo idealista)⁵, a partir de

⁵ Volóchinov (2017[1929]) critica o subjetivismo idealista, corrente do pensamento filosófico-lingüístico enfatizada, sobretudo, por Humbolt e Vossler, porque essa vertente considera que a linguagem é uma representação fiel daquilo que existe na mente humana (a fala/escrita seria uma representação fiel do nosso pensamento), não dando destaque aos aspectos sociais e à interação verbal, já que, para seus defensores, o fator social não interferiria na enunciação, pois a linguagem é atrelada à capacidade do pensamento. A crítica ao objetivismo abstrato, outra corrente do pensamento filosófico-lingüístico, influenciada pelas dicotomias saussurianas, diz respeito ao entendimento de que a linguaséria exterior ao sujeito, uma

uma visão de sujeito apenas biológico e empírico, Volóchinov (2017[1929]) e outros teóricos do Círculo sempre consideraram a linguagem em uso, a partir das relações que os sujeitos estabelecem entre si por meio da língua, que é carregada de valores sociais, culturais, políticos e éticos. Nesse modo de compreensão, “[a] língua no processo de sua realização prática não pode ser separada de seu conteúdo ideológico ou cotidiano” (VOLÓCHINOV, 2017[1929], p. 181).

Agregando à discussão, Geraldi (1993, p. 4-5, grifos no original) destaca que a linguagem é “[...] é condição *sine qua non* na apreensão de conceitos que permitem aos sujeitos compreender o mundo e nele agir; de que ela é ainda a mais usual forma de encontros, desencontros e confrontos de posições, porque é por ela que estas posições se tornam públicas [...]”. Conforme indica o pesquisador brasileiro, a linguagem e a língua possibilitam que os sujeitos tanto compreendam o mundo quanto ajam nele, a partir da produção de seus enunciados, de seus discursos.

Assim, o Presidente não apenas faz esclarecimentos, mas age no mundo a partir dos posicionamentos que expressa. Além disso, o enunciado – a “*real unidade* da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2016[1979], p. 28, grifos do autor) – do Presidente brasileiro faz parte não apenas uma determinada situação, mas também integra um contexto maior, envolvendo outros enunciados, outros discursos, outros sujeitos. Tais asserções convergem para a noção de dialogismo, que é uma categoria fundamental na produção intelectual de pensadores do Círculo. Nas palavras de Volóchinov (2017[1929], p. 219),

[...] diálogo, no sentido estrito da palavra, é somente uma das formas da interação discursiva, apesar de ser a mais importante. No entanto, o diálogo pode ser compreendido de modo mais amplo não apenas como comunicação direta em voz alta entre pessoas face a face, mas como qualquer comunicação discursiva, independentemente do tipo.

objetividade construída pelo linguista. Assim, a língua seria convencional, arbitrária e sistêmica, dotada de leis que são lógicas e formais, e ao indivíduo caberia aceitá-las passivamente.

O fragmento mostra o postulado da natureza dialógica da linguagem. Ela é a forma de o sujeito, quando se vale da linguagem/língua, responder a enunciados que vieram antes do seu. Podemos dizer, portanto, que nossas experiências são dialógicas; o “mundo é, em certo sentido, dialógico porque nenhum encontro com ele, por mais determinados que seu(s) sujeito(s) possa(m) estar a “monologizar”, pode ter lugar sem exposição ao efeito dialógico da língua dos outros” (RENFREW, 2017, p. 120), pois sempre lidaremos com enunciados que já foram produzidos ao longo da história.

No caso do Presidente, ele respondia ao clamor dos brasileiros, muitas vezes expresso por meio da imprensa, por uma posição oficial a respeito da situação global da doença, assim como as diretrizes e as orientações específicas para o país.

Do pronunciamento oficial, destacamos alguns trechos. Inicialmente, um dos aspectos que o Presidente traz à tona é o fato de a imprensa, segundo ele, ter fomentado pânico e histeria na população, a partir da divulgação de notícias sobre a doença em outros países, como a Itália:

Espalharam exatamente a sensação de pavor, tendo como carro-chefe o anúncio do grande número de vítimas na Itália. Um país com grande número de idosos em com o clima totalmente diferente do nosso. O cenário perfeito, potencializado pela mídia, para que uma verdadeira histeria se espalhasse pelo nosso país. (Os destaques são nossos).

Isso já denota que o pronunciamento responde, em partes, aos diversos enunciados produzidos pela imprensa brasileira, a partir de notícias e reportagens, por exemplo, sobre a pandemia. Para Faraco (2009, p. 84), “[...] a realidade linguístico-social é heterogênea, [e] nenhum sujeito absorve uma só voz social, mas sempre muitas vozes”, e essas vozes se confundem, se mesclam, se dizem e contradizem, como “[...] um agitado balaio de vozes sociais e seus inúmeros encontros e entre-choques” (FARACO, 2009, p. 84, acréscimo nosso). A partir disso, essas outras palavras, outras vozes são incorporadas em nossas palavras, moldando e organizando nossos enunciados. O diálogo com nossas palavras e palavras outras já ditas e produzidas em outros tempos e espaços é constante. O líder de nossa nação faz

exatamente isso, utilizando-se dos enunciados produzidos pela imprensa para compor o seu enunciado, direcionado críticas à atuação dos jornalistas.

Para dar peso ao seu argumento, de que o pavor causado pela imprensa era infundado, já que estavam sendo divulgados dados de outro país, ele cita que a Itália tem em sua população um grande número de idosos, além de, segundo ele, o clima ser um fator determinante. No mesmo dia de seu pronunciamento, a Itália confirmou 5.249 novos casos e 743 novas mortes, o que fez com que o país registrasse um total de 69.176 casos e 6.820 mortes. Apesar da opinião do Presidente, tanto os números divulgados no referido no país quanto as orientações da OMS diziam o contrário.

Em 16 de março, em entrevista coletiva⁶, o diretor-geral da Organização Mundial de Saúde (OMS), Tedros Adhanom Ghebreyesus, recomendava, além da ampliação dos testes para detectar o novo Coronavírus, o distanciamento social como forma de reduzir as infecções. Além disso, a OMS ressaltava que, apesar de os riscos serem maiores em pessoas idosas, jovens – incluindo crianças – já haviam sido vitimadas pela Covid-19.

Em reportagem da *BBC News*⁷, publicada em 27 de março de 2020, o infectologista Alberto Chebabo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, avaliava que a situação da Itália devia-se principalmente à adoção tardia de medidas de isolamento da população, o que acarretou grande disseminação do vírus e consequente sobrecarga do sistema de saúde do país. Em consonância, Eduardo Hage Carmo, epidemiologista da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), assim se pronuncia na reportagem:

Por melhor que fosse o sistema de saúde do país, não teria como dar conta do volume de casos, por não ter adotado medidas precocemente. Nenhum sistema suporta um número grande de casos em um período curto de tempo. Não há equipamento o bastante para tantas pessoas. Adotar medidas antes de o número de casos se acumular faz com que a tendência seja que o serviço de saúde possa dar conta. Essas medidas tinham que ter sido tomadas semanas antes.

Desse modo, independente de a mortalidade da Covid-19 ser mais elevada em idosos do que em outras faixas etárias, especialistas – inclusive cientistas brasileiros – à época já

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-uIYlpXaStA>. Acesso em: 06 nov. 2020.

⁷ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52072140>. Acesso em: 03 nov. 2020.

apontavam a necessidade de isolamento social como forma de conter a epidemia. Além disso, não havia pesquisas que comprovassem a tese de que o vírus se desenvolveria melhor em climas frios. Em matéria publicada pela revista *Veja Saúde*⁸, em 13 de abril de 2020,

O que se sabe é que vírus respiratórios, como o influenza, da gripe, costumam ser mais incidentes no inverno. “Mas isso é mais pelo fato de ficarmos em ambientes fechados nessa época, o que facilita a contaminação”, aponta Adriano Massuda, médico professor da FGV-EASP e pesquisador da T.H. Chan School of Public Health, da Universidade Harvard, nos Estados Unidos.

Não se tratava, portanto, no caso da Itália, de haver clima frio e idosos aos montes; a questão era de uma pandemia⁹, e todos os países precisavam, naquele momento, estabelecer medidas para contê-la. Conforme destacam Lana et al. (2020, p. 3),

O esforço mundial de geração de informações sobre o novo coronavírus é impressionante. Em um mês de existência, o novo vírus já era citado em 37 publicações no PubMed, com análises descritivas dos primeiros casos, análises de sequências genômicas e aspectos clínicos. Esse movimento é produto de um sistema de vigilância internacional sensível, assim como de uma política de compartilhamento de dados e achados. Enquanto alguns grupos rapidamente se organizaram para monitorar casos em tempo real, outros se empenharam na aplicação de modelos matemáticos e estatísticos para monitorar o novo vírus e definir estratégias de ação.

No Brasil, contudo, o Presidente afirmava que: “[...] *o que tínhamos que conter naquele momento era o pânico, e a histeria e ao mesmo tempo traçar a estratégia para salvar vidas e evitar o desemprego em massa. Assim fizemos, quase contra tudo e contra todos. Grande parte dos meios de comunicação foram na contramão*” (Os grifos são nossos). Para ele, o mais importante naquele momento era, em vez da preocupação com a disseminação do vírus, conter o pânico da população, disseminado especialmente pela imprensa, para evitar o desemprego.

⁸ Disponível em: <https://saude.abril.com.br/medicina/calor-desacelerar-transmissao-coronavirus/>. Acesso em: 20 maio 2020.

⁹ A Organização Mundial de Saúde classificou a epidemia de Covid-19 como pandemia no dia 11 de março de 2020.

Essa posição faz-nos pensar nas três dimensões do dizer indicadas por Bakhtin (1998[1975], p. 276, grifos do autor):

- a “*todo dizer não pode deixar de se orientar para o ‘já dito’*”, quer dizer, nenhum enunciado é neutro, já que são constituídos por enunciados alheios, e ainda, nenhum enunciado se constitui do nada, sendo assim, são uma réplica dos enunciados discursivos anteriores.
- b “*todo dizer é orientado para uma resposta*”, ou seja, todo enunciado espera uma resposta a um enunciado posto.
- c “*todo dizer é internamente dialogizado*”, pois se constitui de múltiplas vozes sociais, é heterogêneo.

Primeiramente, as palavras do Presidente retomam tantas outras produzidas pela imprensa sobre a pandemia. Além disso, seu discurso estabelece relações com outros discursos e ideologias. Notamos, por exemplo, um discurso que culpabiliza os jornalistas e os veículos de comunicação por divulgarem notícias sobre as mortes por Covid-19 ao redor do planeta, o que indica que, apesar dos números alarmantes, na visão do Presidente, seria melhor a imprensa não enfatizar o cenário mundial da pandemia.

Esse discurso vem como uma resposta ao pronunciamento de William Bonner e Renata Vasconcellos na abertura do Jornal Nacional em 23 de março de 2020¹⁰, quando os âncoras do telejornal pedem calma à população diante da pandemia, reforçam a necessidade de medidas de higiene e isolamento, destacam a necessidade de informar a população sobre a situação e discorrem sobre algumas medidas de segurança adotadas pelo jornalismo da Rede Globo.

O governante brasileiro e a emissora de televisão, desde a campanha eleitoral, têm tido atritos constantes. Assim, o discurso do Presidente é uma forma de ataque à emissora e que se estende à imprensa como um todo. Trata-se de um discurso que vai na contramão da função essencial do jornalismo, que é a de informar a população sobre fatos e acontecimentos relevantes, que podem impactar suas vidas. Conforme argumenta Pena (2005, p. 11), “não há

¹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SISmqzNNNdK>. Acesso em: 26 nov. 2020.

bem mais valioso que a informação”. Assim, ao fazer tal declaração, o Presidente permite inferir sua postura com relação à função essencial dos veículos de comunicação.

Na sequência, há o discurso de que o governo está enfrentando conflitos internos. Na fala do governante, há a ideia de que a imprensa e outros setores – que mais tarde ele relaciona aos governadores e prefeitos – estariam incitando o pânico e tomando atitudes com o objetivo de prejudicar as ações do governo, que estaria não apenas traçando estratégias para salvar vidas, mas também para não acarretar desemprego. Nesse caso, o capital se sobrepõe às vidas humanas, mas camuflado com a ideia de preocupação com as pessoas que seriam prejudicadas pelo falta de emprego e, portanto, de salários para se sustentar. Embora possa soar como uma preocupação genuína, o discurso do Presidente dialoga com o discurso neoliberal, que apregoa que não cabe ao governo intervir na economia – o Presidente está combatendo o pânico e o isolamento para que as empresas não demitam seus funcionários, caso em que muitos ficariam desempregados e não haveria o que ser feito –, mas isso vem disfarçado de preocupação com o bem-estar social do país.

Tais discursos vêm acompanhados da certeza, de acordo com o Presidente, de que “[o] *vírus chegou, está sendo enfrentado por nós e brevemente passará*” (Os grifos são nossos), tratando a situação como algo que rapidamente seria resolvido e não deveria, portanto, abalar o andamento natural das coisas no Brasil. Logo, constamos que o líder minimiza a gravidade da pandemia e o fato de que, inevitavelmente, um novo cenário mundial já estava se desenvolvendo e o Brasil encontrava-se inserido nesse contexto.

Notamos outro diálogo no pronunciamento presidencial. O governante brasileiro afirma: “[a]lgunhas poucas autoridades estaduais e municipais deve abandonar o conceito de terra arrasada, a proibição de transportes, o fechamento de comércio e o confinamento em massa” (Os grifos são nossos). O conceito de terra arrasada diz respeito a uma estratégia de guerra, que consiste em destruir tudo que possa ser utilizado a favor de um inimigo enquanto a tropa fugitiva bate em retirada¹¹.

¹¹ Os russos assim o fizeram duas vezes, nas guerras contra Napoleão e Hitler, retirando-se para o interior de seu território e destruindo quaisquer meios de subsistência que pudessem servir ao exército inimigo.

Assim, esse trecho do pronunciamento faz referência a um conflito interno no país, entre governos municipais e estaduais e o governo federal. O Presidente trata a ação dos governadores e prefeitos, de promoverem o isolamento social que visava à preservação de vidas e estava em conformidade com as orientações de cientistas e órgãos de saúde internacionais, como uma estratégia de guerra. Proibir o transporte coletivo, fechar o comércio e decretar o isolamento – note-se que o termo usado foi “confinamento”, comumente usado para tratar de animais – seria uma forma de devastar o Brasil, retirando do inimigo – nesse caso, o governo federal e a população brasileira – os meios para subsistência. Em outras palavras, o Presidente trata medidas para contenção da Covid-19 como uma crise política interna.

E o líder brasileiro continua: “[o] que se passa no mundo tem mostrado que um grupo de risco é o das pessoas acima dos 60 anos. Então, por que fechar escolas? Raros são os casos fatais de pessoas sãs com menos de 40 anos de idade” (Os grifos são nossos). O Presidente, nesse caso, ignora – deliberadamente ou não – o relatório da missão conjunta China-OMS¹², publicado no final de fevereiro de 2020, que conclui que as crianças são menos afetadas pelo vírus, mas são igualmente infectadas e podem se tornar vetores da doença, transmitindo-a aos familiares. Esse seria o motivo do fechamento das escolas em países europeus, como a França.

Além disso, o Presidente afirma que não é preciso o isolamento social dado que o grupo de risco é composto por idosos¹³. Essa declaração deixa entrever um discurso de desvalorização da terceira idade. De acordo com Witacker (2010, p. 180), “[...] uma gama de preconceitos rodeia o envelhecimento em nosso país [...]”, isso porque, de acordo com a autora, o modelo capitalista enxerga os idosos, que, por estarem aposentados e terem mais problemas de saúde, são tratados como improdutivos, como fardos sociais, já que não produzem mais.

¹² Disponível em: https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/who-china-joint-mission-on-covid-19---final-report-1100hr-28feb2020-11mar-update.pdf?sfvrsn=1a13fda0_2&download=true. Acesso em: 06 nov. 2020.

¹³ Conforme a lei nº 10.741, de 1 outubro de 2003, que dispõe sobre o Estatuto do Idoso, consideram-se como idosos pessoas com idade igual ou superior a 60 anos. Esses cidadãos compõem a chamada terceira idade.

No Brasil, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)¹⁴, em 2017, contávamos com mais de 30 milhões de idosos, número que vem crescendo a cada ano. A pesquisa *Idosos no Brasil: Vivências, Desafios e Expectativas na Terceira Idade*¹⁵, realizada pelo Serviço Social do Comércio (SESC) de São Paulo em parceria com a Fundação Perseu Abramo, publicada em agosto de 2020, mostra que 41% dos idosos ajuda nos cuidados com os netos (esporadicamente, de forma regular ou até mesmo residindo com eles), o que nos permite inferir um risco maior de contágio dos idosos se as crianças e adolescentes mantivessem atividades regulares durante a pandemia.

Assim, ao observar que não seria necessário adotar medidas como o fechamento das escolas, pois apenas os mais velhos estariam no grupo de risco, o chefe da nação trava um diálogo de concordância com discursos que apontam para a desvalorização da vida da pessoa idosa, estabelecendo a relação de que manter a economia ativa, com todos trabalhando, é mais importante do que preservar a vida dessa parcela crescente da população brasileira.

Na fala do Presidente, portanto, há um discurso negacionista relacionado à ciência, uma vez que o relatório se baseava em dados sobre a doença, obtidos na China e analisados por especialistas de oito diferentes países (China, Alemanha, Japão, Coreia, Nigéria, Rússia, Cingapura, Estados Unidos) em conjunto com a OMS.

Ao minimizar a força da doença, ao fomentar a não tomada de medidas para a prevenção (isolamento, uso de máscaras etc.) e ao ignorar os números alarmantes da pandemia, o Presidente retoma discursos que se opõem à ciência. Certamente, essa estratégia e posição não são recentes. Epstein (1998) argumenta que há muito, teorias conspiratórias englobam movimentos que se posicionam contra a ciência. E no caso do atual governo brasileiro, esses ataques têm sido frequentes, seja pelos cortes de verbas ou por tirar a legitimidade das universidades, por exemplo, ao fazer acusações que os professores e estudantes universitários apenas fazem “balbúrdias” (OLIVEIRA, 2020).

¹⁴Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20980-numero-de-idosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30-milhoes-em-2017>. Acesso em: 10 nov. 2020.

¹⁵Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/files/artigo/d345e652/1d08/4554/94a2/5edec66a38cd.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2020.

Para Hotez (2020, p. 3), tais movimentos são definidos “como uma rejeição organizada e consolidada da ciência e de seus princípios e métodos em função de visões alternativas, geralmente ligadas a alvejar e assediar cientistas específicos”. O pronunciamento em análise claramente se caracteriza como uma forma de ataque à ciência, menosprezando os pesquisadores que arduamente têm buscado soluções para o problema atual.

Nesse sentido, o discurso anticientífico não é delimitado apenas por um único grupo social, já que, como ressaltou Epstein (1998), em outros períodos da história, fez-se o mesmo. Essa atitude, no entanto, tem reverberações em boa parte da população, já que as escolhas lexicais feitas pelo Presidente, além da retomada de outros discursos, estão ligadas a valores. Assim, quando o Presidente opta por replicar discursos anticientíficos, por exemplo, ele faz com que palavras de outrem sejam “transferidas para as suas próprias palavras” (VOLÓCHINOV, 2017[1929], p. 280). E isso acontece com demais sujeitos, que, ao se posicionarem, tomam para si as palavras presidenciais para defender o não isolamento e a retomada das atividades sociais e econômicas da população.

Mais adiante, em seu pronunciamento, o Presidente afirma: “[n]o meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho, como bem disse aquele conhecido médico daquela conhecida televisão” (Os grifos são nossos). Nesse trecho, ele afirma, sem comprovação, que pessoas com bom preparo físico não desenvolveriam formas graves da doença, o que não tinha qualquer comprovação científica. O Presidente, ao contrário do que preconizava, faz parte do grupo de risco da Covid-19, considerando seus 65 anos na data do pronunciamento.

Quanto ao médico e a emissora a quem se refere, trata-se de Dráuzio Varella e da Rede Globo de televisão. O médico, que se tornou conhecido principalmente por suas participações em programas jornalísticos da emissora, havia publicado um vídeo em janeiro de 2020 – antes de haver casos confirmados do novo Coronavírus no Brasil – em que afirmava não ser necessário pânico ou isolamento por causa da doença, uma vez que ela ainda estava distante do nosso país. Durante o mês de março, quando a doença se espalhava no

Brasil, o vídeo ressurgiu na internet como se fosse atual, utilizado como forma de justificar a não adoção de medidas de isolamento¹⁶. Assim, o Presidente se pauta em *fake news* para amparar as declarações e estabelece novamente um discurso de negação da ciência.

Seguindo com sua fala, o Presidente afirma: “[o] FDA americano e Hospital Albert Einstein, em São Paulo, buscam a comprovação da eficácia da Cloroquina no tratamento do Covid-19. Nosso governo tem recebido notícias positivas sobre esse remédio fabricado no Brasil, largamente utilizado no combate à malária, ao lúpus e artrite” (Os grifos são nossos). Em 21 de março, três dias antes do pronunciamento, ele havia decidido, junto ao ministro da Defesa, que o Laboratório Químico e Farmacêutico do Exército ampliaria a produção de cloroquina no país¹⁷, apesar de a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) confirmar que ainda não havia comprovação sobre a eficácia do medicamento no tratamento do novo Coronavírus¹⁸.

Novamente, a afirmação do Presidente, embora aponte que há cientistas trabalhando em testes sobre o medicamento, permite inferir, erroneamente, que a cloroquina traz bons resultados no combate à pandemia – já que destaca que tanto a agência federal norte-americana quanto um dos mais renomados hospitais do Brasil trabalham, não no sentido de observar se o medicamento realmente oferece boa resposta no tratamento do vírus, mas de comprovar sua eficácia. Ainda, o Presidente não destaca quaisquer riscos quanto ao uso da cloroquina e da hidroxicloroquina, legitimando, em razão de sua posição política, o discurso

¹⁶ Conforme matéria publicada na Folha de São Paulo on-line, em 23 de março de 2020, o vídeo de Dráuzio foi retirado de contexto, sendo utilizado por apoiadores do Presidente brasileiro como se fosse um vídeo gravado em março de 2020 (e, portanto, atual à época sobre a situação do vírus no país). O médico estava sofrendo ataques de adeptos do presidente, incluindo um dos filhos do governante, desde que havia gravado matéria – para a Rede Globo de Televisão – com uma detenta transexual. A equipe do portal Dráuzio Varella removeu o vídeo dos arquivos, postando publicações atualizadas em que o médico referendava as orientações da OMS para o combate ao novo coronavírus. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/03/video-antigo-de-drauzio-sobre-coronavirus-circula-nas-redes-como-se-fosse-atual.shtml>. Acesso em: 26 nov. 2020.

¹⁷ Conforme informações disponíveis em: <https://economia.uol.com.br/noticias/reuters/2020/03/21/bolsonaro-anuncia-aumento-de-producao-de-cloroquina-uso-contracoronavirus-nao-e-comprovado.htm>. Acesso em: 26 nov. 2020.

¹⁸ Conforme nota publicada pela Anvisa em 21/03/2020 e atualizada em 30/03/2020, “apesar de promissores, não existem estudos conclusivos que comprovam o uso desses medicamentos [cloroquina e hidroxicloroquina] para o tratamento da Covid-19. Portanto, não há recomendação da Anvisa, no momento, para a sua utilização em pacientes infectados ou mesmo como forma de prevenção à contaminação pelo novo coronavírus; e a automedicação pode representar um grave risco à sua saúde” (ANVISA, 2020). Disponível em: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/noticias-anvisa/2020/esclarecimentos-sobre-hidroxicloroquina-e-cloroquina>. Acesso em: 26 nov. 2020.

de que a medicação seria, de fato, uma solução para a pandemia, e fazendo com que a procura e o preço dos medicamentos subissem muito no período, prejudicando as pessoas que os usavam para outras doenças, como artrite e lúpus¹⁹.

Como líder da nação e sujeito que age no mundo por meio da linguagem, talvez ele não leve em consideração que seus pensamentos, que os nossos pensamentos são “[...] um ato singular responsável meu” (BAKHTIN, 2010, p. 44). Além disso, “[...] viver a partir de si não significa viver para si, mas significa ser, a partir de si, *responsavelmente participante*, afirmar o seu não-álibi real e compulsório no existir” (BAKHTIN, 2010, p.108, grifos nossos). Para Faraco (2017, p. 52, grifos nossos),

Ser *responsavelmente participante* é realizar sua singularidade não para si, mas na relação com o outro. A interação é constitutiva (é o princípio arquitetônico) do mundo real do ato; e o outro, irredutível na sua diferença mas correlato com o eu, é a efetiva baliza do agir; funciona, portanto, como antídoto do irracionalismo em qualquer de suas dimensões).

Em outras palavras, viver significa agir de modo responsável perante si e o(s) outro(s), ou seja, “é posicionar-se axiologicamente” (FARACO, 2017, p. 52). Esse reconhecimento, pelo próprio eu, da participação afirmativa na relação eu-outro é o que embasa, na ótica de Bakhtin (2010), o sentido de responsabilidade do ser. Essa relação arquitetônica entre o eu e o outro sempre se atualiza a partir de uma decisão de agir da qual não é possível esquivar-se, por isso, a responsabilidade. As afirmações feitas pelo Presidente da República implicam responsabilidade, sobretudo, por ser o líder eleito pela maioria da população brasileira. Cada pensamento, juntamente com seu conteúdo, é um ato singular e responsável do sujeito. Cada pensamento compõe a vida em sua unidade, já que cada experiência representa um momento do viver-agir.

Tal posicionamento permite-nos discutir a noção de responsividade. De acordo com Sobral (2009, p. 124, aspas do autor),

¹⁹ Conforme informações disponíveis em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/05/26/com-alta-na-procura-preco-dispara-e-cloroquina-some-das-farmacias.htm>. Acesso em: 26 nov. 2020.

O ato avaliativo “responsável/responsivo” envolve o conteúdo do ato, seu processo, e, unindo-os, a entoação avaliativa como aspecto arquitetônico: o valor do ato é o valor que ele tem para o agente em suas interações, em vez de um valor absoluto que viesse impor-se a ele ou a seus interlocutores.

Pensar em responsividade, ou responsabilidade, como advoga Sobral (2009), implica pensar que toda ação é “sempre uma resposta a uma compreensão de outra ação, e que provocará, por seu turno, novamente uma resposta baseada numa compreensão que sobre ela for construída pelo outro” (GERALDI, 2010, p. 287). Uma atividade responsiva, desse modo, nunca é fixa, acabada, mas é algo que flui, que se modifica conforme a situação comunicativa a que o sujeito está exposto.

Como destaca Pereira (2015), o conceito de responsividade carrega em si a ideia de responder e responsabilizar-se. Ou seja, ao produzirmos nossos enunciados, estamos respondendo a outros ditos, outras palavras, mas, ao mesmo tempo, ao assumirmos um determinado lugar de fala, responsabilizamo-nos por nosso dizer. Além disso, ao agirmos no mundo por meio de nossos enunciados, emitimos valores, considerando que “a palavra não apenas denota um objeto como de algum modo presente, mas expressa também com sua entonação (uma palavra realmente pronunciada não pode evitar de ser entoada, a entonação é inerente ao fato mesmo de ser pronunciada) a *minha atitude avaliativa* em relação ao objeto” (BAKHTIN, 2010, p. 85, grifos nossos). Ao agirmos e interagirmos a partir de nossos enunciados, produzimos valorações, julgamentos. Isso é exemplificado a partir das seguintes palavras:

Expressões como “alto”, “baixo”, “abaixo”, “finalmente”, “tarde”, “ainda”, “já”, “é necessário”, “deve-se”, “mais além”, “mais próximo”, etc. não somente assumem o conteúdo-sentido no qual fazem pensar – isto é somente o conteúdo-sentido possível – mas adquirem um valor real, vivido, necessário e de peso, concretamente determinado do lugar singular por mim ocupado na minha participação no existir-evento. Essa minha participação desde um ponto concreto-singular do existir cria o peso efetivo do tempo e o valor evidente e palpável do espaço, torna todas as fronteiras importantes, não causais, válidas: o mundo como um todo unitário e singular, vivido de maneira real e responsiva. (BAKHTIN, 2010, p. 119).

As expressões mencionadas pelo autor podem ser pronunciadas por sujeitos variados, todavia, assumirão valores, sentidos em cada vez que serão pronunciadas, pois o tempo, o espaço e o sujeito serão outros. Isso destaca que o Presidente, ao direcionar-se à imprensa e aos discursos que negam a ciência, que desvalorizam o idoso e que questionam as medidas protetivas recomendadas pela OMS e adotadas por governadores e prefeitos, não apenas retrata, mas, sobretudo, produz significados e impele outros a ação; não se pode, portanto, eximir-se²⁰ desses ditos, dos quais se exigirão uma resposta.

Por fim, destacamos o trecho em que o Presidente afirma: “[a]credito em Deus que capacitará cientistas e pesquisadores do Brasil e do mundo uma cura dessa doença” (Os grifos são nossos). Aqui temos a negação do Estado laico, tendo em vista que o “Deus” a que o governante se refere diz respeito à divindade cristã ocidental. Essa fala implica que no discurso de que apenas o cristianismo é válido e que, como consequência, os deuses de outras religiões que estão presentes no Brasil, como a Umbanda, não devem ser considerados. Esse trecho do enunciado do Presidente expressa vozes sociais conservadoras e preconceituosas para com a diversidade, em um diálogo que refuta a dissociação entre Estado e religião e a liberdade de crença prevista na Constituição Federal (BRASIL, 1988).

Os aspectos supracitados relacionados ao pronunciamento presidencial do dia 24 de março de 2020, quando a pandemia do Novo Coronavírus iniciava sua escalada no Brasil, ditam o tom de como o Governo Federal trataria a pandemia no país: com a negação da ciência, as disputas internas com governadores e prefeitos, os conflitos com a imprensa e o descaso para com as vidas dos brasileiros.

20 Apesar de se referir à Covid-19 como sendo uma “gripezinha”, como visualizamos em seu pronunciamento oficial analisado neste texto, mais recentemente, em 26 de novembro de 2020, em sua tradicional live das quintas-feiras feita por meio de redes sociais, o Presidente afirmou que nunca chamou a doença de “gripezinha”. Para informações sobre essa nova polêmica, consultar a reportagem da BBC News Brasil, no site: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55107536>. Acesso em: 27 nov. 2020.

Considerações Finais

Considerando que “*todo dizer não pode deixar de se orientar para o ‘já dito’*”, que “*todo dizer é orientado para uma resposta*” e que “*todo dizer é internamente dialogizado*” (BAKTHIN (1998[1975], p. 276, grifos do autor), o pronunciamento oficial do Presidente do Brasil, analisado neste texto, é constituído por diversos outros enunciados, como buscamos evidenciar, os quais revelam seus posicionamentos políticos e ideológicos. Ao minimizar a força da doença, ao ignorar os números oficiais da pandemia no mundo, ao fomentar a não tomada de medidas para a prevenção (isolamento, uso de máscaras etc.), ao recomendar o retorno às atividades e o uso de uma medicação não comprovada pela comunidade médica, o Presidente retoma discursos anticientíficos, que prestam um desserviço à população.

Além disso, seu posicionamento indica uma clara oposição à imprensa livre no Brasil, já que o governante da nação a considera, não como aliada, mas como uma ameaça. Essa oposição tem sido direcionada também aos demais governantes estaduais e municipais que não compartilham das mesmas visões que o Presidente.

Tentar analisar discursos, que são objetos concretos, já que emanam dos diversos campos de atividade humana, requer avaliar contextos sociais, históricos e culturais. Os discursos produzidos são compostos por valorações que constituem dialogicamente os enunciados. Assim, o pronunciamento oficial do Presidente da República está repleto de valorações de grupos extremistas, que veem a ciência, não como uma forma de se buscar e propor soluções, mas como uma ameaça ao seu governo.

Ademais, como indica Faraco (2017, p. 52), viver significa agir de modo responsável perante si e o(s) outro(s), ou seja, “é posicionar-se axiologicamente” (FARACO, 2017, p. 52). Ao mesmo tempo, é necessário ressaltar que nossas palavras não apenas retratam algo, mas produzem significados, e, ao agirmos a partir de nosso existir-evento, somos responsáveis pelas nossas palavras perante os outros, dos quais se exigirá uma resposta. O posicionamento

do Presidente está bem marcado, a partir das afirmações e acusações que faz. Ao falar, ele demonstra um desrespeito à ciência, à imprensa e à vida.

The dialogical relations in the official statement of President of Brazil about the Coronavirus pandemic

Abstract: Through language, we interact, act and value. Besides carrying values, indicating our social role and position at a given moment in history, and being a response to something already said by others, our action in the world implies that we take responsibility for what we say. Considering such aspects, we aim in this text, based on theoretical reflections centered on authors of the Bakhtin Circle, to analyze the dialogical relations in the official statement made by the President of the Federative Republic of Brazil, on March 24 2020, about the pandemic of the new Coronavirus. The analyses show that the President's speech is a response to the population's appeal, made through the media, for an official position on the disease, and it dialogues with unscientific discourses. The President's position is well marked, *based on the dialogical relations in his speech, demonstrating his disrespect for science, the press and human lives.*

Key words: Language, dialogical relations, presidential speech.

Referências Bibliográficas

AMORIM, M. **Para uma filosofia do ato: “válido e inserido no contexto”**. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: dialogismo e polifonia*. São Paulo: Contexto, 2016, p. 17-44.

BAKHTIN, M. (1975) **Questões de literatura e de estética: A teoria do romance**. Tradução do russo por Aurora Formoni Bernardini et al. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1998.

BAKHTIN, M. M. **Para uma filosofia do Ato Responsável**. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010, p. 147-158.

BARRETO, C. **Coronavírus: tudo o que você precisa saber sobre a nova pandemia**. *PortalMed*, 01 de outubro de 2020. Disponível em: <https://pebmed.com.br/coronavirus-tudo-o-que-voce-precisa-saber-sobre-a-nova-pandemia/>

BOLSONARO, J. M. **Pronunciamento do presidente da República, Jair Bolsonaro, em Cadeia de Rádio e Televisão**. YouTube: 24 de março de 2020, duração de 4'58". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Vl_DYb-XaAE>. Acesso em: 15 abr. 2020.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Ministério da Saúde. Painel Coronavírus**. Brasília: MS, 2020. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>.

DELANOY, C. P.; GONÇALVES, T. M.; BARBOSA, V. F. **Construção valorativa de fatos sociais: a multiplicidade de discursos**. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 51, n. 1, p. 127-135, jan.-mar.2016.

EPSTEIN, I. **Ciência e Anticiência (apontamentos para um verbete)**. *Metodista*, n. 29, p. 11-33, 1998.

FARACO, C. A. **Um posfácio meio impertinente**. In: BAKHTIN, M. M. **Para uma filosofia do Ato Responsável**. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010, p. 147-158.

FARACO, C. A. **Bakhtin e filosofia**. *Bakhiniana*, São Paulo, 12 (2): 45-56, Maio/Ago. 2017.

FARIA, M. M. de. **As palavras significam na e pela história: uma análise discursiva de uma fala de campanha de Bolsonaro**. *Heterotópica*, v. 1; n. 2, jul.-dez. 2019.

GERALDI, J. W. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

LANA, R. M. et al. **Emergência do novo coronavírus (SARS-CoV-2) e o papel de uma vigilância nacional em saúde oportuna e efetiva**. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 36, n. 3, p. 1-5, 2020.

NAVA, P. **Chão de Ferro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012[1976].

OLIVEIRA, T. **Desinformação científica em tempos de crise epistêmica: circulação de teorias da conspiração nas plataformas de mídias sociais.** *Fronteiras*, v. 22, n. 1, p. 21-35, 2020.

OMS. **Report of the WHO-China Joint Mission on Coronavirus Disease 2019 (COVID-19).** 16-24 fev. 2020. Disponível em:

https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/who-china-joint-mission-on-covid-19---final-report-1100hr-28feb2020-11mar-update.pdf?sfvrsn=1a13fda0_2&download=true.

Acesso em: 10 maio 2020.

PASCHOAL, C. S. **O novo tom axiológico da expressão “cidadão de bem”: refrações semânticas e indícios de estratificação da sociedade brasileira.** *Revista Memento*, v. 11, n. 1, p. 1-22, jan./jun. 2020

PENA, F. *Teoria do Jornalismo.* São Paulo: Contexto: 2005.

Ponzio, A. **A concepção bakhtiniana do ato como dar um passo.** In: BAKHTIN, M. V. *Para uma filosofia do Ato Responsável.* Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010, p. 9-38.

RENFREW, A. **Mikhail Bakhtin.** Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2017.

SILVA, C. G. C. **A Bolsonarização do Espaço Público.** Uma Análise Foucaultiana sobre os conceitos de Pós-verdade, Fake News e Discurso de ódio presentes nas falas de Bolsonaro. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 42ª Edição, 2019. Belém (PA): Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM), p. 1-20. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-0386-1.pdf> >. Acesso em: 15 ago. 2020.

TEIXEIRA, L. P. **Bem Barbiezinha.... Fascista: ironia em post.** *Estudos Linguísticos*, v. 49, n. 2, p. 1124-1137, jun. 2020.

TELESSAÚDERS-UFRGS. **Qual a diferença de distanciamento social, isolamento e quarentena?** *TellessaúdeRS*, 02 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/telessauders/posts_coronavirus/qual-a-diferenca-de-distanciamento-social-isolamento-e-quarentena/>. Acesso em: 10 mar. 2021.

WHITAKER, D. C. A. O idoso na contemporaneidade: a necessidade de se educar a sociedade para as exigências desse “novo” ator social, titular de direitos. *Cad. Cedes*, Campinas, vol. 30, n. 81, p. 179-188, mai.-ago. 2010.